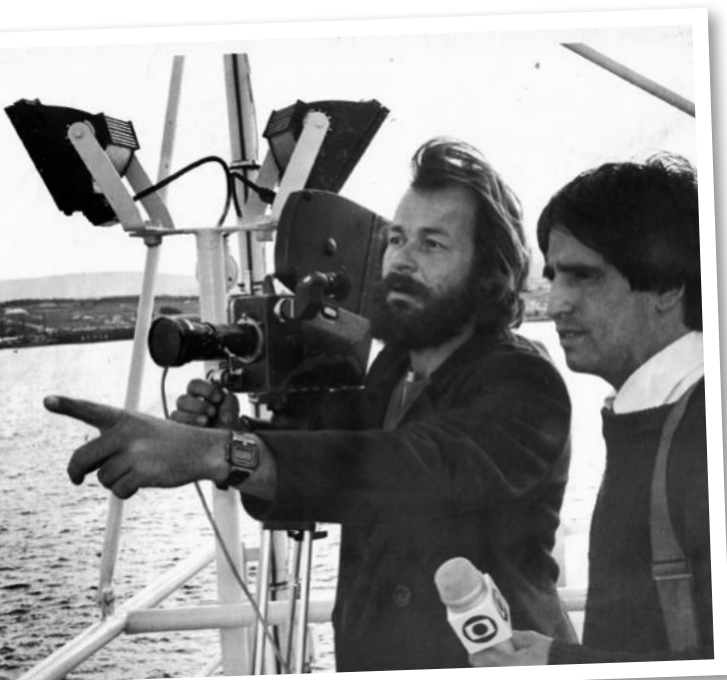




Fotos do autor

## Minha experiência na **PRIMEIRA EXPEDIÇÃO BRASILEIRA À ANTÁRTICA**



Orlando Moreira da Silva \*

O Tratado da Antártica entrou em vigor em 23 de junho de 1961 e tem sido reconhecido como um dos mais bem-sucedidos acordos internacionais. O Brasil aderiu ao Tratado em 16 de maio de 1975, passando a ser membro signatário. No entanto, para ser admitido como membro consultivo e poder participar das decisões, seria necessário desenvolver pesquisas substanciais no continente antártico, com o envio de expedições científicas e instalação de estação de pesquisa.

Assim, o Governo brasileiro atribuiu à Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) a tarefa de elaborar o Programa

Orlando Moreira na  
saída de Punta Arenas



O Navio de Apoio  
Oceanográfico (NApOc)  
"Barão de Teffé"

Antártico Brasileiro (PROANTAR). Para conduzir o PROANTAR, em 1982 a Marinha adquiriu o Navio de Apoio Oceanográfico (NApOc) "Barão de Teffé" que, em dezembro do mesmo ano, junto com o Navio Oceanográfico (NOc) "Professor Wladimir Besnard", da Universidade de São Paulo, iniciou a Primeira Expedição Brasileira à Antártica, a "Operação Antártica I", começando a exploração científica brasileira no continente austral.

Eu estava baseado no escritório da Globo em Nova York quando, em dezembro de 1982, a Alice Maria, Diretora-Executiva do jornalismo da Rede Globo, me ligou dizendo que eu tinha sido escolhido para participar da cobertura da Primeira Expedição Brasileira à Antártica. Para mim foi o maior orgulho saber que fazia parte do seletivo grupo de participantes dessa expedição histórica. Meu companheiro de viagem seria o repórter Hermano Henning, que trabalhava na TV Aratu, afiliada da Globo na Bahia. Eu nunca tinha trabalhado com ele, mas conhecia sua fama de excelente repórter. Ele tinha longa bagagem como jornalista, começou bem jovem como locutor de rádio e, mais tarde, foi para a televisão, onde rapidamente começou a dominar, colocando no ar matérias de destaque; por isso foi escolhido para essa cobertura.

O "Barão de Teffé" zarpou do porto do Rio de Janeiro em 20 de dezembro de 1982 e o Hermano Henning fez a cobertura da partida, numa matéria do Jornal Nacional. Era um dia bonito e



Orlando Moreira e  
Hermano Henning

a partida foi muito festiva, com a banda da Marinha tocando o *Cisne Branco*. O cais ficou lotado de amigos e familiares para despedida dos cientistas e militares a bordo do navio.

Eu e o Hermano embarcamos no "Barão de Teffé" na segunda quinzena de janeiro de 1983, em Punta Arenas, no Chile, onde o navio passou para reabastecimento. O Comandante, Capitão de Mar e Guerra Fernando Pastor, nos deu as boas-vindas e fomos encaminhados para nosso camarote, onde conhecemos o jornalista Ernesto Rodrigues, companheiro de camarote, e Fernando Antonio M. de Barros, que também embarcaram em Punta Arenas para cobrir a segunda fase da expedição. Além do Ernesto e do Fernando, estavam a bordo mais três jornalistas: uma dupla de repórteres da Radiobrás, Marcelo Antonio Rech e Claudio Alves Pereira, que mandavam boletins diários para *A Voz do Brasil*, e um fotógrafo da Revista Manchete,





"Barão de Teffé"  
no Mar de Weddell

Carlos Humberto TDC (Editora Bloch).

Fazendo um "tour" para me familiarizar com as instalações, descobri que o navio estava equipado com um sistema de telefone via satélite. Imediatamente pensei que isso seria uma "mão na roda" para nossas matérias: "e se a gente fizesse algumas fotos durante o percurso da viagem e essas fotos fossem transmitidas via radiofoto usando o sistema de telefone via satélite do navio? Serviriam para ilustrar com imagens reais os áudios tapes enviados pelo Hermano". Televisão precisa de imagem, mas enviar vídeos e imagens em movimento era inviável na época. Hoje, com o avanço tecnológico, seria uma operação simples.

A ideia era que as fotos de acontecimentos durante a viagem seriam fundamentais para ilustrar as matérias, enriquecendo muito os áudios tapes. O único problema era que eu tinha uma câmera de filmagem, não era fotográfica, nem um laboratório para revelar e ampliar os filmes e muito menos uma máquina de envio de radiofoto, mas eu sabia que o *Jornal O Globo* tinha algumas dessas máquinas. Liguei para Alice Maria, expliquei a situação e ela adorou a ideia de enviar fotos durante a viagem. Pedi autorização para comprar uma câmera fotográfica simples, um ampliador pequeno e os químicos necessários para fazer a revelação e ampliação das fotos, e solicitei que ela enviasse a máquina de radiofoto do *O Globo* no avião da Força Aérea Brasileira (FAB) que iria trazer as peças de reposição do gerador, o que foi feito!

O laboratório teria que ser tipo "portátil" e seria montado no banheiro do nosso camarote, que serviria também como "quarto escuro", para revelação e ampliação dos filmes. Esse minilaboratório teria que ser montado e desmontado cada vez que fosse usado, porque, além do es-

paço disponível ser muito pequeno, os químicos teriam que ser guardados quando não estivessem em uso, pois são tóxicos. É lógico que arranjei mais trabalho, mas as fotos enriqueceriam muito nossas matérias, além de contribuir na divulgação da expedição brasileira, pois no dia seguinte as fotos estariam estampadas na primeira página do *O Globo*, ilustrando as matérias do Ernesto Rodrigues e, já como dizia meu pai, "sem trabalho não se vive".

Tivemos a grata surpresa de ver o NOc "Prof Wladimir Besnard", sob o comando do Capitão de Longo Curso Adilson Luiz Gama, atracado ao nosso lado. Trazia universitários e cientistas a bordo, também com destino à Antártica. Próximo ao imponente "Barão de Teffé", com 82 metros de comprimento e um casco de aço com uma polegada de espessura, o "Professor Besnard" parecia um pequeno barco amador, mas de amador não tinha nada, o velho "Professor Besnard" zarpou do porto de Santos no dia 20 de dezembro de 1982 e já havia vencido com galhardia os mares do Estreito de Drake, passando pelo Estreito de Bransfield, com escalas nas bases da Argentina e da Polônia na Ilha Rei Jorge.

Eu e o Hermano fizemos uma matéria para o *Jornal Nacional* com os preparativos finais, posicionando a expedição no ponto mais ao sul do continente, tendo como próxima parada a base alemã na Antártica. Aproveitamos o avião da FAB para enviar o filme com a matéria. Em 28 de janeiro de 1983, o "Barão de Teffé" zarpou com destino à base alemã, no Mar de Weddell, no sudoeste da Antártica. O dia estava lindo e ensolarado, com águas calmas, um verdadeiro "Mar de Almirante". Para mim e para o Hermano era o início de uma aventura nova, com mil expectativas; para os que já estavam a bordo era apenas o início de uma segunda fase.

O "rancho" do "Barão de Teffé" era farto e

bom e, como não existia muita atividade para se movimentar, foram criados dois grupos de voluntários para atividade física: um para jogar vôlei num hangar inferior e o outro para um programa de corrida, com os participantes dando voltas no convés – o circuito não era nada fácil, pois, dependendo do mar, tinha o balanço do navio e alguns obstáculos naturais típicos de um convés, mas nada que, até mesmo um principiante, não conseguisse superar. Eu e o Hermano optamos pela corrida, que acontecia todos os dias, antes do café da manhã. Era em cadência lenta, não dava para correr muito rápido, pois o espaço disponível não era muito largo. Levava uns quarenta minutos, dava para suar e manter a forma. Depois da corrida, um banho e, em seguida, o merecido café da manhã.

A Dra. Judith Cortesão, portuguesa de 68 anos, uma das cinco mulheres a bordo, ecóloga, com doutorado em medicina, representante da Secretaria Especial do Meio Ambiente, estava empolgadíssima com a viagem. Era muito comunicativa e adorava contar histórias, dizia que a Antártica era uma das matrizes de vida mais importantes do planeta e teria que ser preservada e estudada com seriedade, para que os resultados pudessem trazer benefícios incalculáveis para o resto do mundo. Entre outros conhecimentos, era observadora de aves e conhecia detalhadamente o histórico de cada um daqueles pássaros que acompanhavam o navio. Ela havia montado um programa de observação de aves

e pediu nossa participação, distribuindo fichas onde os voluntários deveriam anotar os pássaros que fossem vistos do convés do navio.

Adalbert Kolpatzik, o Adi, um alemão de 45 anos que morava em São Paulo há treze anos, trabalhando como engenheiro da Siemens, gostava muito de alpinismo, desde criança estava acostumado a escalar as montanhas nos Alpes. Ele se tornou especialista em “fendas no gelo” e por isso foi recrutado para dar aulas sobre sobrevivência no gelo. Era extremamente comunicativo, falando português com aquele sotaque de alemão que cativava a atenção de todos.

A viagem, de um modo geral, foi muito agradável, tripulantes e pesquisadores muito amáveis e sempre nos tratando com muita gentileza. O mar em geral estava muito calmo; apenas com pequenas ondas que o “Barão de Teffé” enfrentava com galhardia e, a bordo, nem dava para sentir o balanço do mar, com exceção de um trecho mais ou menos no meio da viagem. Aí, sim, o velho e pesado navio enfrentava ondas de cerca de cinco metros de altura, chegava dar um “frio na barriga”, aquelas águas são tão frias que uma vez pensei: “não sei o que seria pior, cair nessas águas congelantes ou num caldeirão com água fervendo” – acho que o efeito seria o mesmo: morte instantânea. Com muito cuidado fui ao meu camarote buscar minha câmera e o tripé para registrar aquelas imagens. Tive que fazer duas viagens, uma para trazer o tri-

**A chegada a Punta Arenas do NOc "Professor Wladimir Besnard"**



pé e outra para trazer a câmera. Amarrei o tripé no passadiço e comecei a filmar. As cenas eram incríveis, a proa do navio mergulhava nas ondas gigantes e todo o convés superior era lavado pela água do mar, um visual sensacional. Esse “mar brabo” durou praticamente a noite toda.

Os dias eram longos e as noites mais curtas, porque o Sol durante o verão praticamente não se põe, fica apenas umas poucas horas abaixo da linha do horizonte e logo reaparece, mas nunca ficava muito alto, sempre nos acompanhando acima da linha do horizonte. O velho “Barão de Teffé” navegava com imponência, cortando as águas geladas dos mares antárticos, o vento era fraco e as ondas pequenas, a velocidade média era de pouco mais de seis nós, o equivalente a cerca de 12 Km/h. A maior parte do dia passávamos no convés do navio, contando e ouvindo histórias; aliás, o Adi sempre tinha uma história interessante para contar (a maioria, do tempo que era criança na Alemanha), e quando não estava contando histórias, sentava-se em um canto do convés e, com sua gaita de boca, começava a tocar músicas alemãs – todos adoravam. Do outro lado do convés, a Dra. Judith, a nossa ecóloga, sempre com sua prancheta catalogando os pássaros que, de tempo em tempo, apareciam voando.

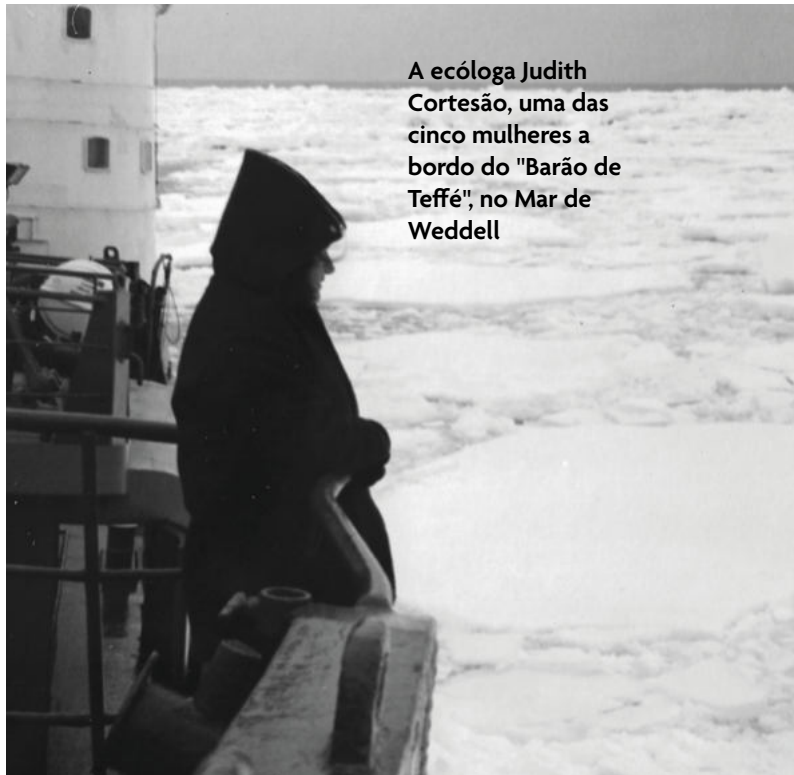
A emoção de ver um imenso iceberg, a gente nunca esquece. Estávamos a “boreste” do convés (lado direito), em 29 de janeiro, em um início de noite, embora ainda estivesse bem claro, vimos ainda à distância aquele imponente e soberano iceberg que vinha flutuando, deveria ter uns quarenta metros de altura, mais ou menos a altura de um prédio de doze andares. Alguns estudos comprovam que apenas 10% de um iceberg permanecem visíveis na superfície, o restante fica submerso, podendo ser maior tanto na profundidade como na largura, o que representa um grande perigo para a navegação. Eu, “à postos”, só esperando o iceberg se aproximar, com a câmera de filmagem montada em um tripé, para fazer imagens que seriam usadas posteriormente, em matérias sobre a expedição, e pendurada no pescoço a pequena câmera fotográfica, para estrear não só o “laboratório portátil”, mas também o sistema de transmissão de radiofoto.

Com exceção de alguns pássaros voando, o cenário não mudava muito, era aquele infinito horizonte que parecia não ter fim, mas aos poucos começamos a ver, flutuando, pequenos blocos de gelo, e esses blocos aumentavam à medida em que íamos seguindo. Mais próximo

ao Mar de Weddell, surgiu uma nevasca com ventos de cerca de 60 km/h, o que não é muito para a região, e, junto, uma quantidade enorme de blocos de gelo, dessa vez bem maiores, chegando a mais de dois metros de espessura. Esses “ice packs” têm tamanho suficiente para furar o casco de um barco, causando naufrágio; aliás, o Mar de Weddell, pelos seus ventos fortes e grandes placas de gelo flutuando, é cemitério de alguns navios, como o navio alemão “Gotland II”, que afundou depois de ser esmagado por enormes blocos de gelo.

Mas o “Barão de Teffé” tinha seu casco reforçado com uma chapa de aço de uma polegada de espessura para enfrentar essas adversas condições dos mares antárticos. Além disso, o Comandante Pastor contava com a ajuda do Peter Granholm, antigo Comandante do “Thala Dan”, até ser vendido para o Brasil, portanto com uma vasta experiência de navegação no gelo. Peter Granholm sugeriu que, nesses casos, embora o navio fosse resistente o suficiente para quebrar placas de gelo, era recomendado diminuir consideravelmente a velocidade, vencendo, assim, a primeira grande barreira de “ice pack”. No inverno, com frio intenso, as placas se juntam, e deixar um navio, por maior que seja, preso no gelo, na maioria dos casos seria morte certa.

Além das pesquisas científicas, um dos objetivos da expedição brasileira era escolher o local



A ecóloga Judith Cortesão, uma das cinco mulheres a bordo do “Barão de Teffé”, no Mar de Weddell





Tripulação e convidados observando o iceberg

para uma futura base de pesquisa. Segundo o Chefe Científico da Expedição, Capitão de Fragata Eugênio Neiva, antes da viagem tínhamos como opção original a costa oriental do Mar de Weddell e a Península Antártica. A Península facilitaria as experiências geológicas, oceanográficas, meteorológicas e geofísicas, além de outras possibilidades, sem contar que, apesar de também ser fria, tem clima muito mais ameno que no Mar de Weddell, onde a construção de uma base seria muito mais complexa, por ser região mais isolada, com difícil apoio logístico, resultando em custos mais altos.

“São oito horas e dez minutos do dia sete de fevereiro de mil novecentos e oitenta e três. Neste instante, um dos helicópteros do “Barão de Teffé” deixa o navio com o primeiro grupo de brasileiros para a base científica de Neumayer, a vinte quilômetros daqui”. Esse foi o texto da gravação que o Hermano Henning fez na hora exata da partida do helicóptero. É o que chamamos na linguagem de televisão de “passagem”, “stand up” em inglês. Essa gravação ou “passagem” seria usada na matéria do Fantástico do primeiro domingo depois da nossa chegada a Porto Alegre. No primeiro helicóptero, pilotado pelo Capitão-Tenente Vallim, seguiam Eugênio Neiva e o Conselheiro Luiz Filipe de Macedo Soares Guimarães, do Itamaraty. O dia não podia ser mais bonito, nenhuma nuvem no céu, vento leve para os parâmetros antárticos e temperatura de  $-5^{\circ}\text{C}$ , o que não era problema porque havia macacões especiais para o frio da Antártica.

Eu, Hermano e os demais jornalistas seguimos no segundo voo. Não deu para filmar o

tradicional aperto de mão, mas fizemos a filmagem da histórica cerimônia do hasteamento da Bandeira brasileira ao lado da Bandeira alemã. A cerca de dois mil quilômetros dali estava o Polo Sul. Nossa estada não seria longa, por isso eu aproveitava cada segundo para fazer a maior quantidade possível de cenas. O cenário ajudava, era deslumbrante!

Depois, uma breve cerimônia, onde Eugênio Neiva agradeceu a hospitalidade, com tradução a cargo do Adi. Em seguida, nos ofereceram um lanche, e, para nossa surpresa, além de queijos e frios havia salada, tomate fresco e até mesmo aspargos. Enquanto isso, o “Barão de Teffé”, que estava rodeado de enormes placas de gelo, tinha que ficar fazendo círculos para impedir que essas placas bloqueassem o navio, impedindo seu regresso.

A Primeira Expedição Brasileira à Antártica, com a participação do NApOc “Barão de Teffé” e do NOc “Professor Wladimir Besnard”, realizou o reconhecimento hidrográfico, oceanográfico e meteorológico, também colhendo amostras de krill, assim como levantou dados sobre o local para instalar a futura base do Brasil. O sucesso da “Operação Antártica I” permitiu que, em 12 de setembro de 1983, o Brasil fosse elevado a membro consultivo, com direito a voto e voz entre os países que decidiam sobre o futuro do continente antártico, representando um orgulho muito grande para todos que participaram daquela marcante viagem. ■

---

\* Cinegrafista, participou da Primeira Expedição Brasileira à Antártica